

A POLÍTICA E O DRAMA DA EXISTÊNCIA NO NIETZSCHE DE LEO STRAUSS

[POLITICS AND THE DRAMA OF EXISTENCE IN LEO STRAUSS' NIETZSCHE]

Elvis de Oliveira Mendes *

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

RESUMO: A aversão de Nietzsche ao cristianismo, à democracia e ao socialismo, pode ser traduzida por sua negação ao igualitarismo. De fato, o filósofo vê no sentimento da esperança secular e na perda do aspecto *agonístico* da existência, a mais radical forma de *décadence*. Por sua vez, Leo Strauss, vê no ataque de Nietzsche ao igualitarismo uma forma de proteger a democracia liberal moderna de si mesma. No entanto, para o professor de Chicago, propor um regime político a partir das concepções nietzschianas, certamente, não levaria o mundo a outro lugar, se não, à barbárie. Pois, Nietzsche expõe o homem a uma verdade brutal e inumana, da qual, a maioria dos homens não pode suportar. Sendo assim, Strauss, pretende usar as verdades letais de Nietzsche como uma “caixa de ferramentas”, sua crítica à modernidade lhe é fundamental para a superação do niilismo e à defesa do modo de vida filosófico, que implica na aceitação do drama da vida tal como ela é. Dito isto, esse estudo pretende mostrar que: para Nietzsche a disseminação do ideal moderno de igualdade levou o ocidente à degeneração, ao nivelar todos os indivíduos por baixo, transformá-los em rebanho, promoveu-se o parto do último homem, o que impossibilita o surgimento do gênio criativo que impõe sua vontade de poder, o *Übermensch*. Enquanto, para Strauss, o *Pathos* pela igualdade radical como valor supremo da modernidade, além de ter sido a causa das principais catástrofes da contemporaneidade,

ABSTRACT: Nietzsche's aversion to Christianity, democracy and socialism can be translated by his denial of egalitarianism. In fact, the philosopher sees in the feeling of secular hope and the loss of the agonistic aspect of existence, the most radical form of *décadence*. For his part, Leo Strauss sees in Nietzsche's attack on egalitarianism as a way of protecting modern liberal democracy from itself. However, for the Chicago professor, proposing a political regime from the Nietzschean conceptions would certainly not lead the world to another place, if not to barbarism. For Nietzsche exposes man to a brutish and inhuman truth, which most men can not bear. Thus, Strauss intends to use Nietzsche's lethal truths as a “toolbox”, his critique of modernity is fundamental to his overcoming nihilism and to the defense of the philosophical way of life, which implies acceptance of the drama of life as such how is she. That said, this study aims to show that: for Nietzsche the spread of the modern ideal of equality led the West to degenerate, by leveling all individuals underneath, transforming them into a herd, the birth of the last man was promoted, which makes it impossible the emergence of the creative genius that imposes its will to power, the *Übermensch*. Whereas, for Strauss, the *Pathos* for radical equality as the supreme value of modernity, besides having been the cause of the major catastrophes of contemporaneity, makes the emergence of the “gentleman” (virtuous man), and with it, the search for the best society, the best regime and

* Professor Formador I da disciplina de Filosofia no curso de licenciamento em História EAD da Universidade Federal Rural de Pernambuco. É Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: Elvis.oliver@live.com

inviabiliza o surgimento do “gentleman” the best way of living.

(homem virtuoso), e com isso, a busca da melhor sociedade, do melhor regime e da melhor forma de viver.

KEYWORDS: Nietzsche; Leo Strauss; Will to power; Problem of equality; Critique of Modernity

PALAVRAS-CHAVES: Nietzsche; Leo Strauss; Vontade de Poder; Problema da igualdade; Crítica da Modernidade

“Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder;”
ZA, Da Superação de Si Mesmo

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma apresentação da crítica de Nietzsche aos “ideais modernos” a partir da leitura de Leo Strauss, de fato, esses dois filósofos contemporâneos não dialogaram em vida, pois viveram em séculos diferentes, mas, de forma indubitável, se debruçaram sobre questões análogas, quais sejam, os impasses da modernidade, o retorno aos antigos e a defesa do modo de vida filosófico. De fato, Leo Strauss é um herdeiro confesso de Nietzsche, ainda jovem na Alemanha desenvolveu um grande fascínio pelo autor de *Zarathustra*, fascínio este que o levou a afirmar já maduro, que “entre os vinte e trinta anos acreditava em cada palavra que aquele homem (Nietzsche) falava”¹. Exilado nos EUA em sua fuga do Nacional Socialismo, tendo se tornado *persona non grata* em plena terra natal por sua descendência judaica², Leo Strauss levou para América toda potência e agudez do pensamento de Nietzsche, o que ajudou a protagonizar o surgimento de um grande interesse por parte dos estudantes e pesquisadores anglófonos devido ao ar de novidade que se revelou naquele momento.

Não obstante, Leo Strauss tenha se tornado uma referência no estudo da filosofia e ciência política nos EUA, um *scholar* do maior porte na interpretação dos clássicos, o nome de Nietzsche nunca esteve fora de seus comentários e referências, sobretudo, quando seu alvo era os valores da modernidade e a tentativa de justificar seu retorno aos antigos. Embora Strauss achasse que “qualquer apropriação política do pensamento de Nietzsche fosse uma perversão de seu ensinamento”³, não poupou em utilizar-se de suas reflexões e ataques ao *zeitgeist* moderno, para propor um “retorno”⁴ à filosofia política em sua acepção clássica, e a defesa do direito natural clássico, como forma de uma busca racional do melhor regime ou da melhor forma de viver. Não só isso, mas, a afirmação da filosofia como especulação radical e seu caráter investigativo (*zetético*)⁵ acerca da natureza do todo⁶, isto é, um retorno às coisas mesmas⁷.

Dito isto, interessa-nos aqui analisar a compreensão Straussiana de Nietzsche, sobretudo, na sua crítica àquilo que julgou serem as grandes motivações da decadência do homem moderno, a saber, o Cristianismo, e seus herdeiros seculares, frutos do processo de “mundanização” da escatologia bíblica⁸, portanto, a democracia e o socialismo. A partir disso, analisar de que maneira Strauss se apropria da crítica nietzschiana aos ideais modernos, a fim de, desse modo, reavivar alguns elementos fundamentais do pensamento antigo para tentar salvaguardar a democracia liberal moderna e protegê-la de si mesma.

Ora, é justamente nesse aspecto que Strauss, vê, em Nietzsche, aquele que desvela o caráter eminentemente radical do niilismo, ao mostrar que a vida humana é apenas Vontade de Poder, e que qualquer forma de conter essa vontade é antinatural. A descoberta da vida como Vontade de Poder, é, sobretudo, a revelação da “maior verdade

de todas as verdades”⁹, “uma verdade que não é bela, mas mortal e inumana”¹⁰, a saber, a verdade de que não há nenhuma verdade, igualmente nenhuma finalidade grandiosa na existência, nenhum sentido na história, além de nenhum Deus para nos salvar. Sendo assim, a constatação exposta por Nietzsche de que não há nenhuma verdade que não possa ser questionada, subvertida e “transvalorada”, joga os homens num vazio insuportável para a maioria deles.

Assim, Strauss na tentativa de superar esse vácuo devastador, que denota pelo signo de niilismo, enxerga a necessidade de uma fraude piedosa e recorre à nobre ilusão de Platão. Por fim, termina por corroborar que o ideal igualitário moderno não é capaz de preencher o vazio mencionado anteriormente, pois, ao invés de fortalecer o espírito humano através daquilo que os antigos chamavam de “virtude” como busca da natureza do bem e do belo, a modernidade e sua crença na prosperidade e na redenção humana consigo mesma, substitui o ideal antigo de virtude e excelência pela igualdade a qualquer custo, a desconsiderar que é a diferença que leva os indivíduos a si superarem diante do sofrimento e do drama da vida, o que veio a gerar as “tirantias de nosso tempo”.

NIETZSCHE, STRAUSS E O RETORNO À RADICALIDADE FILOSÓFICA

Para Strauss, o pensamento moderno pretendeu apaziguar a relação entre o filósofo e a cidade, quis transformar o mundo prático e ordinário numa morada permanente para a filosofia, a fim de tirar o filósofo de sua condição de exílio comum na antiguidade. Ora, ao fazer isso, na visão de Strauss, a filosofia perdeu sua radicalidade, pois, ao servir a este mundo e compartilhar de seu conhecimento com aquilo que os gregos chamavam de *Hoi Polloi*, pretendeu ser uma forma de resolução dos negócios humanos, teve que abrir mão de seu caráter especulativo acerca da natureza do todo, para se adequar aos valores vigentes baseados na mera opinião (*dóxa*), isto é, a filosofia cedeu ao *Weltanschauung* e se tornou *Weltanschauungsphilosophie*¹¹. O resultado disso foi uma filosofia a serviço do progresso, comprometida com a felicidade humana e não mais contemplativa e orgulhosa de si, voltada para o pensamento livre e genuíno.

De fato, para Strauss, esse rebaixamento da filosofia, da contemplação desinteressada a mero instrumento de transformação da história se deu em três passos¹², o primeiro com Maquiavel e Hobbes, quando negaram a possibilidade de fundar o melhor regime com base no cultivo da virtude e da razão, consideraram a política o lugar privilegiado da técnica, única condição necessária para do domínio do acaso¹³. O segundo passo foi dado por Rousseau, que por discordar de Maquiavel e Hobbes tentou restaurar o *tellos* da virtude humana (tal como para os antigos) como busca privada, para a fundação de um *tellos* universal na história¹⁴, tarefa que foi muito bem sistematizada por Hegel¹⁵, “o mais poderoso filósofo da história”¹⁶. O último golpe desferido contra a filosofia tal como vista pelos pré-modernos se dá com Nietzsche e o historicismo radical, ao mostrar que todas as verdades, toda moralidade e todos os valores são meramente históricos e culturais, e por isso, condenados a perecer, terminou por expor a humanidade à face horrenda do niilismo. Não só isso, Nietzsche destruiu qualquer possibilidade de se pensar algo de eterno. Assim, para Strauss “a terceira onda da modernidade”:

pode ser descrita como sendo constituída por uma nova compreensão do sentimento de existência: esse sentimento é a experiência do terror e da angústia, e não da harmonia e da paz, e é o sentimento da existência histórica como

necessariamente trágico; o problema humano é de fato insolúvel como um problema social, como Rousseau dissera, mas não há escapatória da natureza humana; não há possibilidade de felicidade genuína, ou a mais alta das quais o homem é capaz não tem nada a ver com felicidade¹⁷.

Nesse terceiro degrau no declínio da filosofia, Strauss observa algo de verdadeiramente radical, pois, embora Nietzsche tenha levado o caráter moderno da filosofia às suas últimas consequências, ele o fez como crítica do modelo vigente de seu próprio tempo, uma crítica não com objetivo de progredir, mas sim, para retornar aos antigos, seu ataque elevou a crise da própria ideia de racionalidade, tal como interpretada na modernidade, i.e., Nietzsche foi capaz de colocar toda tradição em crise. Ora, essa rebelião feita por Nietzsche ao ver de Strauss abriu a brecha necessária para o ressurgimento de uma filosofia verdadeiramente autêntica, livre e antidogmática, pois não estava presa a nenhum sistema ou ideal histórico de progresso.

Como foi citado em nossa introdução Strauss foi fascinado por Nietzsche desde bastante jovem, o que não o limitou a se tornar um crítico décadas mais tarde, com a chegada da maturidade. De fato, admiração, apropriação e crítica são termos que descrevem bem a relação de Strauss com o pensamento de Nietzsche¹⁸, pois, Strauss verá nele a tentativa de superação de vários aspectos modernos que também o incomodavam de maneira preponderante. Nesse sentido, Richard Velkley na introdução às transcrições do curso de *Assim Falou Zaratustra* ministrado por Strauss, e publicado recentemente¹⁹ afirma que:

No seminário de 1959, sobre *Zaratustra* e do seminário de 1967, relativo ao *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*, um relato mais profundo e mais simpático acerca de Nietzsche aparece em relação ao que as publicações antes de 1960 sugerem, e é mais evidente no ensaio de 1973 sobre o *Além do bem e do mal*. Strauss fala de aprender com Nietzsche de uma forma que é rara para os tratamentos de Strauss para com os filósofos modernos. Nietzsche é um grande crítico dos ideais progressistas e igualitários da modernidade, uma postura que Strauss considera seriamente. Nietzsche argumenta que a sociedade secular moderna-teísta é confrontada com a perspectiva de devastação espiritual e física²⁰.

Essa consideração se deve, ainda segundo Velkley, porque, para Strauss, “acima de tudo, Nietzsche tenta restaurar a classificação natural da vida filosófica acima da vida de estudiosos e cientistas”²¹. Isto é, Nietzsche mesmo na condição de um moderno foi capaz de ver o declínio da filosofia tal como posta por seus contemporâneos e sua conexão direta com a decadência das sociedades ocidentais. Strauss era consciente de que Nietzsche claramente não era um filósofo político, mas isso não foi obstáculo, para que seu *insight* fundamental fosse mais contundente para a política do que qualquer outro teórico político de seu tempo. Diante de todo entusiasmo em relação aos “ideais modernos”, a saber, o progresso, a igualdade e o cosmopolitismo, Nietzsche foi capaz de suspeitar em meio à marcha, e assinalar para as principais contradições e incongruências de seu tempo e seus resultados catastróficos. É nesse sentido, que Strauss em seu misto de admiração e crítica se apropria de Nietzsche, como um novo Sócrates, não em sentido *stricto*, mas no sentido de que ele foi capaz de dinamitar as verdades vigentes de seu tempo.

STRAUSS E A REJEIÇÃO DO MODELO MODERNO

Nada é mais característico de nosso tempo do que a crença inabalável na

liberdade e na igualdade como algo bom e necessário. Strauss também comunga dessa máxima, afinal, a liberdade, e certo tipo de igualdade é condição necessária para o modo de vida filosófico. No entanto, embora Strauss seja conhecido como um filósofo ou cientista político, não parecia estar muito interessado em falar sobre política, fez isso muito pouco durante sua longa carreira intelectual; parecia mesmo era estar interessado na leitura dos clássicos da filosofia política, das estratégias dos estadistas e, sobretudo, na sabedoria clássica. De fato, como Sharpe e Townshend afirmam: “Uma coisa que Strauss diz de Nietzsche também pode ser dito de Strauss: que seu trabalho filosófico é intempestivo, pelo menos no sentido de que Strauss raramente comentava na imprensa sobre os acontecimentos do dia”²². Mas, acerca do pouco que se dispôs falar sobre a política de seu tempo²³, não é difícil percebermos que Strauss não acreditava no ideal moderno de construção de uma liga de nações e que isso traria liberdade, igualdade e progresso social. Ao contrário, era um cético diante da ideia de que “o progresso em direção a uma prosperidade cada vez maior se tornaria possível, o progresso em direção à liberdade e à justiça cada vez maiores”²⁴.

Nesse sentido, Strauss nos leva a refletir que algo dessa ordem só seria possível em um mundo onde todos aderissem a um modelo unitário, isto é, se os líderes da liga universal de nações fossem democráticos, todas as nações do mundo teriam que igualmente serem democráticas, ou se todos fossem comunistas ou fascistas, o mesmo se aplica. Se essa lógica fosse imposta efetivamente, a nação ou grupo que ousasse discordar da lógica mencionada teria que ser eliminada. Strauss, ao chamar atenção para o aspecto autoritário de todas as teorias políticas modernas incomodou liberais, comunistas, neoliberais, neomarxistas *et al.* Portanto, o caráter problemático do universalismo comum da mentalidade moderna se desvela justamente em sua pretensão de dizer o que é o melhor e impor isso a uma quantidade incontável de homens e mulheres aos quatro cantos do mundo das mais diversas culturas e modos de vida. Sendo assim, em determinado momento após a derrocada dos fascismos e a necessidade de uma relação mais íntima entre os dois filhos da modernidade, a saber, a democracia liberal moderna e o comunismo, a realidade se tornou mais complexa do que já parecia. Mesmo que concordassem em vários aspectos o *modus operandi* de cada uma dessas ideologias é nitidamente diferente, sobre isso, Strauss explica que:

Era impossível para o movimento ocidental entender o comunismo como meramente uma nova versão daquele eterno reacionismo contra o qual vinha lutando há séculos. Tinha que admitir que o projeto ocidental, que havia se oposto a todas as formas anteriores do mal, não poderia fornecer contra o novo domínio na fala ou na ação. Por algum tempo, pareceu suficiente dizer que, embora o movimento ocidental concorde com o comunismo em relação ao objetivo - a sociedade universal próspera de homens e mulheres livres e iguais - discorda dele quanto aos meios: para o comunismo, o fim, o bem comum da humanidade. Toda a raça humana, sendo a coisa mais sagrada, justifica qualquer meio; qualquer coisa que contribua para a realização do fim mais sagrado é parte de sua sacralidade e é, portanto, ela mesma sagrada; o que quer que atrapalhe a conquista desse fim é diabólico²⁵.

Segundo Strauss, a lição que deve ser tomada disso é que não se pode pensar o mundo a partir de uma perspectiva unitária, a pluralidade dos homens, o mistério que os diferencia e os antagonismos de interesses não é um traço que pode ser ignorado. Aquilo que enxergamos como os males do mundo, como a desigualdade, a injustiça e a violência não podem ser erradicados completamente sem que alguém não tenha que ser oprimido ou até aniquilado, sendo assim:

A dúvida do projeto moderno é mais do que apenas um sentimento forte - mas vago. Adquiriu o status de exatidão científica. Pode-se imaginar se há um único cientista social de esquerda que afirme que a sociedade universal e próspera constitui a solução racional do problema humano. Pois a ciência social atual admite e até mesmo proclama sua incapacidade de validar quaisquer juízos de valor propriamente ditos. O ensinamento originado pela filosofia política moderna em favor da sociedade universal e próspera tornou-se reconhecidamente uma ideologia - um ensinamento não superior em verdade e justiça a qualquer outra entre as inúmeras ideologias²⁶.

Dito isso, aparece então um aspecto da modernidade profundamente rejeitado por Strauss, qual seja, o fato de que na era moderna o positivismo, o historicismo²⁷ e o existencialismo²⁸ se tornaram as grandes autoridades intelectuais de nosso tempo, ao ver de Strauss, todas desembocam no niilismo. Essas correntes de pensamento, embora tenham se originado de forma independente e em diferentes momentos, com motivações igualmente distintas, possuem algo em comum, a saber, todas negam a possibilidade de a razão transcender o que é historicamente dado, portanto, o positivismo, o historicismo e o existencialismo são dependentes da história. Esse fenômeno intelectual estritamente moderno levou ao fim da ideia do direito natural clássico, e com isso, à total obsolescência da filosofia política, ambos, compreendidos como forma de busca *zetética* do melhor regime e da melhor forma de viver.

Nesse campo, Strauss possui uma postura bastante diferente de seus contemporâneos que se dedicaram à interpretação do pensamento de Nietzsche. Como explica a professora Shadia Drury, “Nietzsche não é um moderno no sentido straussiano”²⁹, na verdade, Strauss vê em Nietzsche a possibilidade de superação do pensamento moderno, por isso, “o Nietzsche de Strauss” parece tão amargo e muitas vezes chocante, sobretudo, na visão de progressistas, liberais e pós-estruturalistas³⁰, que tentaram de diversas formas passar a borracha, encobrir ou simplesmente ignorar dezenas de afirmações claras de Nietzsche³¹, para criar uma caricatura de um Nietzsche simpático às causas sociais³². De fato, o Nietzsche de Strauss é digamos assim, “sem censura”, aconselhável apenas para pessoas de estômago forte, pois, desvela o caráter radical e conspirador de sua filosofia. O que torna a filosofia novamente perigosa, um ofício para poucos, a abertura para o tão clamado retorno de Strauss à visceralidade do pensamento antigo. Sendo assim, ainda na esteira de Drury, o pensamento de Nietzsche ecoa nas palavras de Strauss, pois:

O que se torna claro é que Strauss deve mais a Nietzsche do que a qualquer outro filósofo. Todos os principais temas da obra de Strauss ecoam Nietzsche, ou um Nietzsche que foi impiedosamente claro e consistente. Considere o seguinte. Primeiro, a crítica de Strauss ao historicismo depende fortemente da crítica de Nietzsche ao historicismo e do hegelianismo em *Uso e abuso da história*. Em segundo lugar, Strauss segue Nietzsche em traçar os males da modernidade até sua devoção suicida à verdade. Como Nietzsche, ele exalta a ilusão como necessária para a vida. Em terceiro lugar, Strauss compartilha a visão de Nietzsche do (o antigo) Sócrates. Em quarto lugar, a concepção de Strauss do filósofo é modelada a partir do Super-Homem de Nietzsche³³.

Posto isso, o que parece está em jogo aqui é que, de fato, parece que a rejeição de Strauss ao modelo moderno, indubitavelmente, tem muito de sua inspiração de juventude, o que não deve ser compreendido como admiração ingênua ou simples apropriação de autoridades do passado. A influência de Nietzsche sobre Strauss em sua crítica da modernidade passa pelo crivo de que Strauss sempre evitou olhar a tradição de cima para baixo, Strauss sempre evitou os anacronismos, então sua forma de

compreender mais profundamente o fenômeno mesmo da modernidade com toda sua complexidade e polissemia (na medida em que isso é possível) tentou se posicionar como um moderno, mas não qualquer moderno, sim, aquele que, a seu ver, foi capaz dinamitar seus ídolos, um a um.

O PROBLEMA DO IGUALITARISMO RADICAL PARA NIETZSCHE E STRAUSS

A rejeição de Nietzsche ao cristianismo, à democracia e ao socialismo é radical e contundente. Talvez seja um dos principais aspectos que Strauss julgou necessitar de moderação. Embora alguns de seus críticos liberais mais radicais tenham acusado Strauss de se apropriar de Nietzsche por via de um maquiavelismo político³⁴, se prestarmos atenção, o que Strauss tenta fazer é apropriar-se de forma peculiar e estratégica da crítica de Nietzsche à modernidade, para reformar a democracia liberal tal como se configurou em nosso tempo. De fato, para Strauss, não podemos nos furtar de que Nietzsche é um pensador antidemocrático e antiliberal³⁵, sobre a democracia vejamos o que diz o próprio Nietzsche em *Além do Bem e do Mal*:

Nós, que somos de outra fê - nós, que consideramos o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma forma de decadência ou diminuição do homem, sua mediocrização e rebaixamento de valor: para onde apontaremos nós as nossas esperanças? - Para novos filósofos, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e tresvalorar e transformar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos novos à vontade de milênios³⁶.

Embora Nietzsche, afirme que seu *ABM*, seja uma tarefa de compreensão para o futuro, mais precisamente chegou a afirmar que este livro só seria compreendido cem anos depois³⁷. Colocações como essa, são estranhas ao nosso tempo, quiçá, inaceitáveis; Strauss tinha consciência disso e, ainda nesse mesmo sentido, vale dizer que Nietzsche também não poupa seus ataques àquele que julgou ser o “irmão mais novo” (da democracia) ou o que veio a chamar de “os últimos resquícios do despotismo”³⁸, a saber, o socialismo, e sobre este afirma na mesma obra que:

(...) aos broncos filosofastros e fanáticos da irmandade, que se denominam socialistas e querem a ‘sociedade livre’, mas na verdade unânimes todos na radical e instintiva inimizade a toda outra forma de sociedade que não a do rebanho autônomo (...); mas igualmente unânimes na religião da compaixão, na simpatia com tudo quanto vive, sente, sofre (descendo até o animal, subindo até ‘Deus’: a aberração de uma ‘compaixão para com Deus’ é própria de uma época democrática –); (...); unânimes na crença da moral da compaixão partilhada, como se ela fosse a moral em si, o cúmulo, o cume alcançado pelo homem, a esperança única do futuro, o conforto da vida presente, o grande resgate das culpas de outrora: – todos eles unânimes na crença na comunidade redentora, isto é, no rebanho, em “si”...³⁹

Ora, apresentada essas colocações de Nietzsche em *ABM*, talvez se torne menos complexo entender porque Strauss durante a vida tenha cultivado um sentimento ambivalente em relação à sua grande inspiração de juventude⁴⁰, o que muitas vezes o leva a comportar-se como um crítico implacável. Provavelmente isso esteja muito ligado à defesa de Strauss em relação à democracia, defesa que Strauss sempre fez questão de mostrar com lucidez e realismo, pois, era justamente sua consciência dos problemas da democracia moderna que o colocaram na condição de defensor e não, de

um mero bajulador da mesma, como ele mesmo afirmava. Em *Liberalism Ancient and Modern*, Strauss afirma que não é porque somos amigos ou aliados da democracia que não podemos criticá-la, muito pelo contrário é justamente porque somos amigos e aliados da democracia que devemos criticá-la, para buscar seu melhor funcionamento, para buscar sua melhor forma, sobretudo, para protegê-la de seus inimigos e muitas vezes de si mesma⁴¹.

Como Allan Bloom afirma no prefácio da mesma obra, Strauss não cedeu à crítica dos liberais radicais e neoliberais que o acusavam de traidor da democracia liberal, também não cedeu aos inimigos da democracia liberal que o acusaram de neoliberal e elitista⁴². Nesse sentido, para Bloom, Strauss era um autêntico livre pensador, não estava nem um pouco compromissado com partidos políticos ou ideologias, uma mente clássica capaz de buscar na simplicidade antiga a calma diante da confusão de seu tempo. Ademais, ainda na esteira de Bloom, Strauss não se permitiu ceder à bajulação, e por isso, era não só amigo, mas o melhor amigo da democracia.

Nesse sentido, Strauss discorda prementemente de Nietzsche. O professor de Chicago, via na democracia liberal uma forma muito superior de governo possível em detrimento das experiências políticas modernas, quais sejam: os fascismos e os socialismos⁴³. Também não enxergou no passado nenhuma forma superior de sociedade como fazem nostálgicos e reacionários. Portanto, suas críticas ao liberalismo moderno passavam justamente pela esfera daquilo que o liberalismo fora no passado, e aquilo que se tornou no presente⁴⁴. E é justamente nesse sentido, que Strauss vê em Nietzsche algo de fecundo, a saber, a busca por algo superior que consiga superar o advento da cultura de massa que se tornou a base das democracias modernas, mas que só consegue produzir niilismo⁴⁵. Nesse sentido, como não se pode voltar ao passado, e se pudéssemos provavelmente no passado acharíamos tantos problemas quanto hoje, só nos resta na visão de Strauss pensar o agora. Assim, a seu ver, Nietzsche desnudou a existência de forma a não sobrar nada, destruiu o castelo metafísico onde moravam os filósofos de seu tempo e, quiçá, o próprio Deus. Segundo Strauss, Nietzsche mostrou que:

A experiência fundamental da existência não é, portanto, a experiência da bem-aventurança, mas do sofrimento, do vazio, do abismo. O apelo criativo de Nietzsche à criatividade foi dirigido a indivíduos que deveriam revolucionar suas próprias vidas, não a sociedade ou a nação. Mas ele esperava ou desejava que seu chamado, ao mesmo tempo severo e suplicante, questionador e desejoso de ser questionado, instigassem os melhores homens das próximas gerações a se tornarem verdadeiros eus, e assim formar uma nova nobreza que seria capaz de governar o planeta. Ele se opunha à possibilidade da aristocracia planetária à suposta necessidade de uma sociedade universal sem classes e sem estado. Tendo certeza da passividade do homem ocidental moderno, ele pregou o direito sagrado de “extinção impiedosa” de grandes massas de homens com menor restrição de que seu grande antagonista tinha feito⁴⁶.

Mesmo que não saibamos se Nietzsche leu ou não suas obras, é possível dizer que seu antagonista, provavelmente era Karl Marx, que em um primeiro momento olha na mesma direção, no tocante ao desenvolvimento de um pensamento antiliberal, antirreligioso e antiburguês, ademais, suas críticas ao hegelianismo. No entanto, por outro lado, a diferença fundamental entre Nietzsche e Marx é de que para Marx o destino manifesto da história é a sociedade sem classes como uma necessidade da raça humana. Enquanto, para Nietzsche, o surgimento do *Além-do-homem* depende da livre escolha do homem⁴⁷. Assim a mudança só é possível no ambiente privado, cada homem e mulher são responsáveis pelo seu superar-se, transvalorar-se, enquanto para Marx a

transvaloração deveria ter um caráter humanitário. Nesse sentido, enquanto para Nietzsche o futuro deveria ser do *Além-do-homem*, por outro lado, o último homem, o tipo baixo e decadente é o homem do futuro de Marx, o homem perfeitamente integrado ao rebanho, diluído na gregariedade, aviltado pela dissolução da individualidade em prol da igualdade radical. Na busca da afirmação da superioridade e da necessidade do *Além-do-homem*, Strauss afirma que, para mostrar isso:

Ele (Nietzsche) usou muito de seu insuperável e inesgotável poder de discurso apaixonado e fascinante para fazer seus leitores detestarem, não apenas o socialismo e o comunismo, mas também o conservadorismo, o nacionalismo e a democracia. Depois de ter assumido essa grande responsabilidade política, ele não pôde mostrar aos seus leitores um caminho para a responsabilidade política. Ele não lhes deu escolha a não ser entre a irresponsável indiferença à política e as opções políticas irresponsáveis. Assim, ele preparou um regime que, enquanto durou, fez com que a democracia discreta parecesse novamente uma era de ouro⁴⁸.

De fato, Nietzsche foi um dos filósofos que escreveu com o próprio sangue, segundo Strauss, aí se apresentou o aspecto mais problemático e arriscado de seu pensamento. Pois, mesmo que Nietzsche fosse consciente de que “o que serve de remédio para alguns homens, é veneno para outros”⁴⁹, isto é, tendo sido um moderno que reivindicou a importância do esoterismo antigo⁵⁰, não tomou para si o próprio conselho, e abriu a brecha para apropriações que talvez não tenha imaginado. Portanto, o que Nietzsche fala de política é tão vago e indefinido que não teríamos como integralizar nenhuma experiência política em seu nome. No entanto, Strauss nos alerta para o fato de que: “o que ele disse foi lido por homens políticos e os inspirou”⁵¹. É inevitável que as ideias tenham efeito no mundo, e possam ser usadas da maneira mais conveniente para servir aos interesses de quem as apropriou o que, lamentavelmente, tenha possibilitado por adoção indevida, torná-lo o tutor dos fascismos.

Com efeito, este evento nos leva a refletir a necessidade da moderação, pois Strauss observa que Nietzsche “tentou articular sua compreensão da situação moderna e da vida humana como tal por sua doutrina da Vontade de Poder. A dificuldade inerente à filosofia da Vontade de Poder levou, depois de Nietzsche, à renúncia explícita à própria noção de eternidade”⁵². Sendo assim, a perda ou a negação da possibilidade de a filosofia alcançar algo de eterno, isto é, algo de discernível pela razão como bom e necessário em qualquer época, lugar e cultura, gera, por assim dizer, o fim da filosofia ou sua total obsolescência. Assim, Strauss conclui que: “O pensamento moderno alcança seu ponto culminante, sua maior autoconsciência, no historicismo mais radical, isto é, em condenar explicitamente ao esquecimento a noção de eternidade”⁵³. Portanto, diante dos impasses da modernidade, Nietzsche se viu diante de uma bifurcação como Strauss explica em *Direito Natural e História*, onde afirma, que de acordo com Nietzsche:

A análise teórica da vida humana, que percebe a relatividade de todas as concepções abrangentes e, desse modo, as deprecia, tornaria impossível a própria vida humana, pois destruiria a atmosfera protetora dentro da qual, e somente dentro da qual, são possíveis a vida, a cultura ou a ação. Ademais, uma vez que análise teórica tem sua base fora da vida, ela nunca será capaz de entender a vida. A análise teórica da vida não se compromete e é fatal para o comprometimento, mas vive e se comprometer. Para evitar o perigo à vida Nietzsche poderia ter escolhido um dos dois caminhos: insistir no caráter no caráter estritamente esotérico de uma análise teórica da vida – isto é, restaurar a noção platônica da nobre ilusão – ou, então, negar a possibilidade da teoria propriamente dita,

concebendo assim o pensamento como essencialmente subserviente ou dependente da vida ou do destino. Se não o próprio Nietzsche, pelos menos os seus sucessores adotaram a segunda alternativa⁵⁴.

Dito isto, fato é que, ao ver de Strauss, o *insight* fundamental de Nietzsche abriu uma brecha para a destruição do aspecto especulativo genuíno da filosofia, o que deu espaço à uma filosofia meramente voltada para a prática. Com isso, o abismo que separa teoria e prática, ou se preferir, entre *episteme* e *dóxa*, foi desconsiderado, e justamente aquele Nietzsche citado aqui que não foi capaz de trazer responsabilidade política ao seu leitor, foi capaz na verdade de trazer o caos. Não está em jogo aqui se Nietzsche estava preocupado com questões como estas, ou se era um leitor dos escritos políticos de seu tempo, ou ainda, se estava conectado de fato com a realidade do homem comum à sua volta. Mas, o que deve ser considerado e que podemos saber é que ele se propôs em dizer o que deveria ser o filósofo do futuro.

Embora em vida, suas ideias tenham sido heterodoxas demais, talvez propositalmente, já que acreditava na extemporaneidade como característica fundamental do filósofo, com a mesma facilidade que Nietzsche encontrou o ostracismo pela radicalidade de seu pensamento, alcançou notoriedade e praticamente unanimidade *post-mortem*. Suas ideias ecoaram de forma galopante na Alemanha da primeira metade do século XX. Acerca disso, em *German Nihilism*⁵⁵, escrito no início de seu exílio nos EUA, momento em que ouvia pelos rádios sobre o avanço da *Blitzkrieg* pela Europa, Strauss afirma que: “de todos os filósofos alemães e, de fato, de todos os filósofos, nenhum exerceu uma influência maior sobre a Alemanha do pós-guerra, nenhum foi mais responsável pelo surgimento do niilismo alemão do que Nietzsche:

Por niilismo alemão, compreenda-se tanto a atmosfera intelectual como o imaginário do povo alemão, isto é, aquilo que tornou possível, a ascensão da juventude nazista e seu otimismo com a consolidação da revolução propagada pelo *Führer*. No entanto, para Strauss; “o niilismo alemão é um fenômeno muito mais amplo que o Nacional Socialismo. Pode ser descrito provisoriamente como a reação apaixonada de certo tipo de jovem ateu ao ideal comunista”⁵⁷. Esse fenômeno gerou, por assim dizer, uma visão que “rejeita os princípios da civilização como tal em favor da guerra e dos ideais bélicos”⁵⁸, isto é, uma forma radicalizada de militarismo e moralismo alemão que se opôs não só ao comunismo, mas também, ao modelo democrático capitalista, se opôs, sobretudo, a qualquer ideal de sociedade aberta. Sendo assim, “O niilismo alemão é o gênero, do qual o Nacional Socialismo é o tipo que se tornou mais popular”⁵⁹.

Nesse sentido, Strauss estava efetivamente preocupado com as consequências práticas do pensamento de Nietzsche, essa preocupação ocasionou, de fato, uma oscilação na relação de Strauss no tocante ao *corpus* intelectual nietschiano, o que Lampert analisa como uma transição⁶⁰ que levou Strauss do fascínio à crítica radical, e desta última, à reconsideração e compreensão de sua grandeza⁶¹, quando já no fim de sua vida, Strauss escreveu um ensaio para comentar o *Além do bem e do mal*⁶², obra a qual considerava o mais belo livro de Nietzsche⁶³, a contrariar a própria opinião do autor que considerava o seu *Zarathustra* sua mais bela e profunda obra. Em *Note on the Plan of Beyond the Good and Evil*, Strauss, aparece de forma mais branda, há quem diga que tentou até se reconciliar com aquele por quem foi fascinado na juventude, ao dar um novo tratamento aos *insights* fundamentais de Nietzsche⁶⁴. De fato, Strauss vê em Nietzsche um retorno à natureza, uma tentativa de retomada da natureza como regra⁶⁵, pois, até então a natureza tinha significado “culpa” para a cristandade, e obstáculo a ser superado e dominado pela filosofia e ciência moderna⁶⁶, indubitavelmente, não podemos negar que, a grande conquista dos modernos é o domínio da natureza e seu uso sem limites. Acerca dessa conquista, Strauss afirma que:

“como uma consequência, as pessoas passaram a pensar em abolir o sofrimento e a desigualdade. No entanto, o sofrimento e a desigualdade são os pré-requisitos da grandeza humana”⁶⁷. Isto é, aquilo que nos leva a superar todas as contingências, que leva ao nosso aperfeiçoamento, a capacidade de superar-se diante das condições imutáveis predeterminadas pela natureza. Nesse sentido, o que há de realmente novo em Nietzsche é que, enquanto toda tradição tentou minimizar a dor, o sofrimento e tudo aquilo que leva os seres humanos ao medo, Nietzsche afirmou que isso não deve ser temido, mas sim, desejado.

CONCLUSÃO

É bastante notório que a relação intelectual entre Leo Strauss e Nietzsche é controversa, muitas vezes, contraditória, no mínimo complexa, constatação que gera críticas, acusações, e inúmeras possibilidades de interpretação. Mas, o que está em jogo aqui, é o fato que Strauss tentou adequar as críticas de Nietzsche ao “nosso tempo”, isto é, trazer algo de fecundo de seu pensamento, mas sem transfigurá-lo. Strauss tentou apresentar Nietzsche como Nietzsche, e não de outra maneira, encarou o teor corrosivo dos escritos do filósofo sem ignorar nada, sem encobrir nada, tentou achar equilíbrio no caos. Para além das caricaturas de Nietzsche criadas e absorvidas no último século, Strauss tenta aproveitar daquilo que é mais inaceitável para nós em Nietzsche, e extrair seu grande ensinamento, e o fato de que esse, por sua vez, não é político, mas, existencial.

Para Strauss, a crítica aos ideais da modernidade ensaiada por Nietzsche aponta para a necessidade de aceitação do caráter monstruoso e brutal da existência. De fato, Nietzsche é um moderno que reconsiderou a natureza e que negou as principais crenças de seus contemporâneos, a saber, a crença no domínio do acaso, e o controle das forças da natureza. Nietzsche afirmou sem constrangimentos que a vida é Vontade de Poder e nada mais. Assim, desvelou a face horrenda da verdade, de que não há verdade alguma, além das interpretações meramente humanas, que nada, definitivamente nada há para nos salvar, nenhum Deus, nenhum homem, nenhuma política, nenhuma filosofia - estamos entregues à vida mesma. Portanto, a vida é drama por excelência, todos os indivíduos clamam por uma verdade, por uma fantasia, por um mundo que os façam se sentir plenamente em casa, e, para tanto, criamos a moralidade e tudo que está ligado a ela, como os deuses, o status e as instituições.

Sendo assim, o igualitarismo radical como busca fundamental da modernidade tornou os indivíduos incapazes de superar o vazio do niilismo, a torna-os “especialistas e cientistas sem coração”, incapazes de (re)significar suas vidas, sem estarem atrelados à alguma causa gregária, fizeram do ideal bíblico uma causa secular, tanto liberais como socialistas fizeram de seus ideais particulares causas universais, que anulam a pluralidade humana, promovem o esquecimento da diferença, se tornaram beatos ultraconservadores em busca de redenção.

Deste modo, se para Nietzsche o ideal de igualdade tal como posto pelo cristianismo, pela democracia e pelo socialismo, enfraquece o humano, pois o transforma em rebanho, então essa igualdade nada mais é do que um valor do último homem, daquele que não enxerga nada de nobre e superior à mera condição humana. Por outro lado, para Strauss, a democracia por ser o melhor regime possível, em detrimento das experiências tirânicas de seu tempo, tenta equilibrar a crítica fundamental de Nietzsche no sentido de que vê também no ideal de igualdade moderno, algo de venenoso para as sociedades contemporâneas, já que, para que as democracias

liberais modernas funcionem é necessário cultivarmos ideais de virtudes e civilidade para as garantias das liberdades, que possam apaziguar quando os interesses individuais antagônicos colidirem.

Portanto, se para Nietzsche o futuro depende do surgimento do *Além-do-homem*, isto é, a abertura para a superação do homem tal como compreendido até então, com isso, a superação das fraquezas humanas, para assim, fundar uma nova humanidade em que os fortes prevalecem para cultivar e expandir suas atividades criativas ininterruptamente. Para Strauss, a democracia liberal é a melhor aposta para contermos a inclinação humana pela tirania, e a crítica à crença na igualdade radical nos alerta para a necessidade da busca do “*aristoi*”⁶⁸, do “*gentleman*”, i.e., de um tipo humano virtuoso, ou aquele que se importa com a excelência humana, e essa aristocracia espiritual seria fundamental para salvar a humanidade ocidental do abismo que é a cultura de massa. Não obstante, ambos os filósofos, não depositarem fé ou esperança que a humanidade possa de fato, transcender ou superar a escuridão de sua morada através dos paradigmas modernos baseados na razão ilustrada e no progresso técnico⁶⁹. Suas propostas devem funcionar como uma rota de fuga aos espíritos livres, que aceitam a vida tal como ela é, em toda sua beleza e crueldade, com toda sua precariedade e dor, a fim de extrair dela algo de belo e inspirador, o que se encontraria apenas na superioridade do modo de vida filosófico.

Deste modo, o que aparece é uma forma de aceitação do caráter desigual da história, isto é, que os indivíduos são intelectualmente distintos, e que, o mais adequado é que fosse delegado o poder político à parcela mais sábia da população, quais sejam, aqueles que se preocupam com a excelência humana. No entanto, isso não foi possível, constatado isso, ao nivelar todos os indivíduos por baixo, as democracias modernas se renderam à parcela menos sábia da população, o que nos condiciona ao perigo iminente da tirania. Em última análise, o que Nietzsche propõe é a recuperação através da valorização da vida mesma, uma vez que a tradição ocidental falhou em sua busca por respostas racionais. Enquanto Strauss pretende recuperar a racionalidade clássica que vê no ideal de virtude ou na crença na possibilidade da existência de homens virtuosos a superação do niilismo. Isto é, recuperar a crença de que existem virtudes em si (trans-históricas) como a coragem e a excelência, compreendida como base do modo vida ocidental e abertura para liberdade.

REFERÊNCIAS

- ANSELL-PEARSON, K. *An Introduction to Nietzsche as Political Thinker*, Cambridge, University Press, 1994.
- APPEL, F. *Nietzsche contra Democracy*, Ithaca, Cornell University Press, 1999.
- BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), pp. 372-392.
- CONWAY, W. *Nietzsche and the Political*, Londres, Routledge, 1997.
- DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987)
- LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1996.
- LAMPERT, Laurence, *Nietzsche’s Task: an interpretation of Beyond the good and evil*, New Heaven, Yale University Press, 2001.
- MARTON, Scarlett, Nietzsche e a crítica da democracia. *Dissertatio* (33) inverno de 2011 pp. 17 - 31
- NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. *O Anticristo*: maldição ao cristianismo: ditirambos de Dionísio. 1ª ed. São

- Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*: ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Editora; Companhia das letras 2008
- SHARPE, Matthew and TOWNSEND, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche. Woodward, Ashley (org), *Interpreting Nietzsche: reception and influence*, New York, USA Continunn 2011, pp. 131 -148.
- STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989.
- STRAUSS, L. Correspondence of Karl Löwith and Leo Strauss, trans. George Elliot Tucker, *Independent Journal of Philosophy* 5/6, 1988.
- STRAUSS, L. *Direito Natural e História*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014
- STRAUSS, L. German Nihilism. Edited By David Janssens and Daniel Tanguay. Interpretation, Spring 1999, vol. 26, n° 3, pp. 353-378.
- STRAUSS, L. *On Tyranny*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- STRAUSS, L. Relativism. In. PANGLE, L. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989, pp. 13-26.
- STRAUSS, L. *Studies in Platonic political philosophy*. With an Introduction by Thomas L. Pangle. The University of Chicago Press, Chicago, 1983.
- STRAUSS, L. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964).
- STRAUSS, L. The Re-education of Axis Countries Concerning the Jews, *The Review of Politics* 69 (2007), pp. 530-538.
- STRAUSS, L. What Can We Learn From Political Theory? *The Review of Politics* 69, University of Notre Dame 2007, (1943), pp. 515-529.
- STRAUSS, L. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1959).
- STRAUSS, L.; VELKLEY, R. (Editor), *Leo Strauss on Nietzsche's Thus spoke Zarathustra* / edited and with an introduction by Richard L. Velkley. The University of Chicago Press, 2017.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *A Grande Política em Nietzsche*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

NOTAS

- 1 Ver isso em: Letters from Leo Strauss to Karl Löwith,[1988] p. 182–83.
- 2 Acerca da vida Strauss ver: BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), pp. 372-392.
- 3 STRAUSS, L. The Three Waves of Modernity, In. STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 98.
- 4 O termo retorno tal como Strauss pretende deve ser compreendido de forma bastante precisa e específica, pois, não se trata de retornar de maneira *tout court*, evidentemente que o passado não volta. Sendo assim, “retorno” como proposto por Strauss deve ser compreendido como o reconhecimento de um percurso mal feito, um itinerário errado, um caminho desnordeado ou a chegada em um beco sem saída, i.e., como a aceitação de um equívoco cometido, e de que é necessário voltar e refazer o caminho, retornar equivale a arrepende-se. Cf. STRAUSS, L. Progress or return? The contemporary crisis in western civilization, In. STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 249.
- 5 Cf. STRAUSS, L. *On Tyranny*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000 p. 196.
- 6 STRAUSS, L. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1959), p. 11.
- 7 Ver sobre isso: STRAUSS, L. Philosophy as Rigorous Science and Political Philosophy. In.

- STRAUSS, L. *Studies in Platonic political philosophy*. With an Introduction by Thomas L. Pangle. The University of Chicago Press, Chicago, 1983, pp. 29-37
- 8 Leo Strauss, afirma que “a modernidade é a fê bíblica secularizada; a fê bíblica ultramundana tornou-se radicalmente mundana”, assim o propósito da humanidade seria, “não esperar pela vinda do paraíso, mas torná-lo possível na terra por vias puramente humanas”. Cf. STRAUSS, L. *The Three Waves of Modernity*, p. 82.
- 9 Cf. STRAUSS, L. Note on the Plan of Nietzsche’s *Beyond Good and Evil*. In, STRAUSS, L. *Studies in Platonic Political Philosophy*. With an Introduction by Thomas Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 176-177.
- 10 Cf. LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, Chicago, Chicago University Press, 1996, p. 39.
- 11 STRAUSS, L. Philosophy as Rigorous Science and Political Philosophy, p. 37
- 12 STRAUSS, L. *The Three Waves of Modernity*, p. 82.
- 13 Cf. *Ibidem*, p. 86-87.
- 14 Cf. *Ibidem*, p. 89.
- 15 Cf. *Ibidem*, p. 91.
- 16 Cf. *Ibidem*, p. 95.
- 17 (No original) The third wave may be described as being constituted by a new understanding of the sentiment of existence: that sentiment is the experience of terror and anguish rather than of harmony and peace, and it is the sentiment of historic existence as necessarily tragic; the human problem is indeed insoluble as a social problem, as Rousseau had said, but there is no scape from the human nature; there is no possibility of genuine happiness, or the highest of which man is capable has nothing to do with happiness. *Ibidem*, p. 94-95.
- 18 Ver sobre isso em: LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*.
- 19 STRAUSS, L.; VELKLEY, R. (Editor) *Leo Strauss on Nietzsche’s Thus spoke Zarathustra* / edited and with an introduction by Richard L. Velkley. The University of Chicago Press, 2017.
- 20 (No original) “In the 1959 seminar on *Zarathustra* and the 1967 seminar on *Beyond Good and Evil* and *Genealogy of Morals*, a deeper and more sympathetic account of Nietzsche appears than what the publications before 1960 suggest, and it is further evident in the 1973 essay on *Beyond Good and Evil*. Strauss speaks of learning from Nietzsche in a fashion that is rare for Strauss’s treatments of modern philosophers. Nietzsche is a great critic of the progressive and egalitarian ideals of modernity, a stance that Strauss considers seriously. Nietzsche argues that modern scholarship and science cannot give direction to life, that human life at all times needs a hierarchy of ends and goals, that modern secular-a theistic society is confronted with the prospect of spiritual and physical devastation”. *Ibidem*, p. xiv.
- 21 *Idem*.
- 22 SHARPE, Matthew and TOWNSHEND, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche, p. 141.
- 23 Sobre o que Strauss pensava sobre política ler: STRAUSS, L. What Can We Learn From Political Theory? *The Review of Politics* 69, University of Notre Dame 2007, (1943), pp. 515-529. Ler também: STRAUSS, L. The Re-education of Axis Countries Concerning the Jews, *The Review of Politics* 69 (2007), pp. 530-538. Um desses textos que se tornaram mais conhecidos é a introdução a uma importante interpretação da *Política* de Aristóteles e da *República* de Platão, ver isso em: STRAUSS, L. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, p. 1-12.
- 24 STRAUSS, L. *The City and Man*, 1992, p. 4.
- 25 (No original) “It was impossible for the Western movement to understand Communism as merely a new version of that eternal reactionism against which it had been fighting for centuries. It had to admit that the Western project which had provided in its way against all earlier forms of evil could not provide against the new form in speech or in deed. For some time it seemed sufficient to say that while the Western movement agrees with Communism regarding the goal-the universal prosperous society of free and equal men and women-it disagrees with it regarding the means: for Communism, the end, the common good of the whole human race, being the most sacred thing, justifies any means; whatever contributes to the achievement of the most sacred end partakes of its sacredness and is therefore itself sacred; whatever hinders the achievement of that end is devilish”. *Idem*, p. 4.
- 26 (No original) “The doubt of the modern project is more than merely a strong - but vague

- feeling. It has acquired the status of scientific exactitude. One may wonder whether there is a single social scientist left who would assert that the universal and prosperous society constitutes the rational solution of the human problem. For pre~ent-day social science admits and even proclaims its inability to validate any value-judgments proper. The teaching originated by modern politics, philosophy in favor of the universal and prosperous society has admittedly become an ideology-a teaching not superior in truth and justice to any other among the innumerable ideologies". Ibidem, p. 6-7.
- 27 Corrente intelectual do pensamento moderno que parte da premissa de que: "todo pensamento humano é histórico e, portanto, essencialmente incapaz de apreender algo eterno", o que fez com que na contemporaneidade tenha se tornado comum afirmar que: "todo filosofar pertence essencialmente ao 'mundo histórico', à 'cultura', à 'civilização', à 'visão de mundo' (*Weltanschauung*)". Essa corrente, segundo Strauss, inviabilizou não só a filosofia política (como busca do melhor regime), mas a própria filosofia em sentido amplo, tal como era vista pelos antigos, isto é, como busca possível do eterno e imutável. Ver sobre isso em: STRAUSS, L. *Direito Natural e História*. Trad. Bruno Costa Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 15.
- 28 Sobre o Existencialismo ver: STRAUSS, L. Relativism. In. PANGLE, L. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989, p. 24-25.
- 29 DRURY, S. Post-modernity: Plato or Nietzsche? DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987), p. 170.
- 30 Consultar sobre isso em: SHARPE, Matthew and TOWNSHEND, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche, p. 136.
- 31 Ler os Aforismos 203 a 211 e 25-27, 29-31 de ABM.
- 32 Ver sobre isso: ANSELL-PEARSON, K. *An Introduction to Nietzsche as Political Thinker*, Cambridge, University Press, 1994. CONWAY, W. Nietzsche and the Political, Londres, Routledge, 1997; APPEL, F. Nietzsche contra Democracy, Ithaca, Cornell University Press, 1999.
- 33 (No original) "What becomes clear is that Strauss owes more to Nietzsche than to any other philosopher. All the major themes of Strauss's work echo Nietzsche, or a Nietzsche that has been made ruthlessly clear and consistent. Consider the following. First, Strauss's critique of historicism relies heavily on Nietzsche's criticism of historicism and Hegelianism in *Use and Abuse of History*. Secondly, Strauss follows Nietzsche in tracing the ills of modernity to its suicidal devotion to truth. Like Nietzsche, he exalts illusion as necessary for life. Thirdly, Strauss shares Nietzsche's view of (the early) Socrates. Fourthly, Strauss's conception of the philosopher is modeled after Nietzsche's superman". DRURY, S. Post-modernity: Plato or Nietzsche? 176-177.
- 34 Ibidem, p. 181.
- 35 Ler sobre isso: MARTON, Scarlett. Nietzsche e a crítica da democracia. Dissertatio (33) inverno de 2011 pp. 17 - 31.
- 36 ABM, Contribuição à História Natural da Moral, 203, grifos do autor.
- 37 LAMPERT, Laurence, *Nietzsche's Task: an interpretation of Beyond the good and evil*, New Heaven, Yale University Press, 2001.
- 38 Ver aforismo 473 de *Humano, demasiado humano*.
- 39 ABM, Contribuição à História Natural da Moral, 202, grifos do autor
- 40 SHARPE, Matthew and TOWNSHEND, Daniel, Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche, p. 131.
- 41 Cf. STRAUSS, L. *Liberalism Ancient and Modern*, p. 24-25.
- 42 Ibidem, p. v.
- 43 STRAUSS, L. The Three Waves of Modernity, p. 98.
- 44 Strauss reivindica a superioridade do liberalismo antigo onde: "o homem que se comporta de maneira a tornar-se um homem livre aparece principalmente como um homem liberal no sentido articulado por Aristóteles. Ele sabe que certas atividades e, portanto, em particular certas ciências e artes - as ciências e as artes liberais - são escolhidas por si mesmas, independentemente de sua utilidade para a satisfação do tipo inferior de necessidades. Ele prefere os bens da alma aos bens do corpo. A liberalidade é então apenas um aspecto, para não dizer um nome para a excelência humana ou ser honroso ou decente". STRAUSS, L. *Liberalism Ancient and Modern*, p. 28.
- 45 Cf. Ibidem, p. 5.
- 46 (No original) The Fundamental experience of existence is therefore the experience, not of bliss, but of suffering, of emptiness, of an abyss. Nietzsche's creative call to creativity was

addressed to individuals who should revolutionize their own lives, not the society or to his nation. But he expected or hoped that his call, at once stern and imploring, questioning and desirous to be questioned, would tempt the best men of the generations after him to become true selves and thus to form a new nobility which would be able to rule the planet. He opposed the possibility of planetary aristocracy to the alleged necessity of a universal classless and stateless society. Being certain of the tameness of modern western man, he preached the sacred right of "merciless extinction" of large masses of men with as little restraint as his great antagonist had done. STRAUSS, L. *What is Political Philosophy?*, p. 54-55.

47 Cf. STRAUSS, L. *The Three Waves of Modernity*, p. 96-97.

48 (No original) He used much of his unsurpassable and inexhaustible power of passionate and fascinating speech for making his readers loathe, not only socialism and communism, but conservatism, nationalism and democracy as well. After having taken upon himself this great political responsibility, he could not show his readers a way toward political responsibility. He left them no choice except that between irresponsible indifference to politics and irresponsible political options. He thus prepared a regime which, as long as it lasted, made discredit democracy look again like a golden age. STRAUSS, L. *What is Political Philosophy?*, p. 55.

49 Cf. ABM Aforismo 30.

50 Idem.

51 STRAUSS, L. *The Three Waves of Modernity*, p. 98.

52 STRAUSS, L. *What is Political Philosophy?*, p. 55.

53 Idem.

54 STRAUSS, L. *Direito Natural e História*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014, p. 31-32.

55 Escrito durante os primeiros anos da Segunda Guerra foi publicado em 1941. O texto apresenta, quais seriam as bases intelectuais e filosóficas do Nacional Socialismo Alemão. Sobretudo, analisa o imaginário cultural do povo alemão que possibilitou a formação da juventude nazista e a ascensão de Hitler.

56 STRAUSS, L. *German Nihilism*. Edited By David Janssens and Daniel Tanguay. Interpretation, Spring 1999, vol. 26, nº 3, p. 372.

57 Ibidem, p. 355.

58 Idem.

59 Ibidem, p. 357.

60 Cf. LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, p. 13.

61 Cf. Ibidem, p. 167.

62 Ver: STRAUSS, L. Note on the Plan of Nietzsche's *Beyond Good and Evil*, pp. 174-191.

63 Ibidem, p. 174.

64 Cf. LAMPERT, Laurence, *Leo Strauss and Nietzsche*, p. 185-186.

65 Cf. STRAUSS, L. *Relativism*, p. 25-26.

66 Cf. STRAUSS, L. Note on the Plan of Nietzsche's *Beyond Good and Evil*, p. 188-189.

67 Ibidem, p. 190. Strauss nessa passagem indica conferir sobre isso, os Aforismos 239 e 257 de ABM.

68 É importante frisar aqui que o termo "Aristocracia" (*Aristoi*) deve ser compreendido em seu sentido verdadeiro e original, isto é, como uma classe de indivíduos virtuosos, que buscam a excelência ou os melhores, formados a partir de uma educação liberal. Nesse sentido, nada tem a ver com burguesia, termo cunhado no contexto da economia política moderna e capitalista, que está ligado a uma classe de acumuladores de capital e proprietários dos meios de produção.

69 Para Nietzsche, a possibilidade de superação está naquilo que vem a propor como "filosofia do futuro" ou dos "filósofos do futuro". Seu caminho aponta para a radicalização do niilismo e a consequente transvaloração de todos os valores. No tocante a Strauss, a possibilidade de superação passa pela necessidade e manutenção de uma educação liberal que faça com que alguns indivíduos despertem para o valor da excelência humana e do modo de vida filosófico, isto é, o modo de vida baseado na liberdade autêntica em detrimento da cultura de massa.